

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Amanda Pinto Rodrigues de Almeida

ENTRE O ENSINAR E O CRIAR:

o resgate da identidade artística na docência

Rio de Janeiro, agosto de 2025.



Amanda Pinto Rodrigues de Almeida

ENTRE O ENSINAR E O CRIAR:

o resgate da identidade artística na docência

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosiane de Jesus Dourado

Rio de Janeiro, agosto de 2025.

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

A447 Almeida, Amanda Pinto Rodrigues de
Entre o ensinar e o criar : o resgate da identidade artística na docência
/ Amanda Pinto Rodrigues de Almeida. – Rio de Janeiro, 2025.

24 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e
Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de
Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Rosiane de Jesus Dourado.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Caderno de artista. 3.
Professores de arte. 4. Prática docente. 5. Ateliê criativo. 6. Atividades
criativas na sala de aula. I. Dourado, Rosiane de Jesus. II. Colégio Pedro
II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Amanda Pinto Rodrigues de Almeida

**ENTRE O ENSINAR E O CRIAR:
o resgate da identidade artística na docência**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: 30 / 08 / 2025.

Banca Examinadora:

Dra. Rosiane de Jesus Dourado - SFEAV/CP11
Orientadora

Dra. Luísa Mendes Tavares - SFEAV/CP11
Membro interna

Dr. Leandro de Souza Silva - DAV/CP11
Membro externo

Rio de Janeiro, agosto de 2025.

Dedico esse trabalho a todos os meus futuros colegas de profissão artistas docentes. Enquanto houver criatividade haverá espaço para nós.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus professores-colegas dessa pós-graduação por tantos momentos importantes e gratificantes nos nossos encontros aos sábados. Absorver os conhecimentos de vocês foi com certeza uma das maiores inspirações para seguir em frente em sala de aula. Esses encontros jamais estariam completos sem a presença dos meus colegas e amigos da turma de 2024. Com toda certeza fomos uma turma especial, que segurou firme se ajudando todo o tempo. Estar em um espaço de troca de experiências felizes e frustrantes (inevitável) com tantos professores artistas era uma das principais razões de sentir que valia a pena acordar cedo todo sábado. Agradeço muito ao meu querido professor Wilson Cardoso, da disciplina Metodologia de Ensino, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde me formei, por ter me apresentado essa pós-graduação. Wilson foi e é uma grande inspiração para minha docência. O agradecimento mais importante e especial, sem dúvidas é para minha amada mãe, Marília. Sua força, sua determinação na vida sempre foram um espelho para mim. Sempre desejei poder orgulhá-la da mesma forma que você me faz sentir orgulho. Obrigada por me dar a vida, por escolher ser minha mãe todos os dias, por ser a minha maior incentivadora no meio acadêmico. Todas as vezes que foi difícil continuar, foi você que me motivou e insistiu para que eu não desistisse. Você me mostra todos os dias que é através da educação que podemos transformar nossas vidas. Espero poder atravessar meus alunos com o carinho que me ensinou a ter pelo próximo e poder plantar uma sementinha de criatividade naqueles que passam por mim.

RESUMO

ALMEIDA, Amanda Pinto Rodrigues. **Entre o ensinar e o criar**: o resgate da identidade artística na docência. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho investiga o afastamento do fazer artístico por professores de Artes Visuais recém-formados ao ingressarem no magistério e propõe caminhos para ressignificar a sala de aula como espaço de criação. A pesquisa parte de vivências pessoais e diálogos com referenciais teóricos da educação e da arte, como Bell Hooks e Paulo Freire, articulando a prática pedagógica ao desenvolvimento artístico do docente. O caderno de artista — compreendido como linguagem e metodologia — foi utilizado simultaneamente como recurso de registro, experimentação e reflexão, bem como ferramenta de mediação em atividades realizadas com turmas do 6º e 7º anos do ensino fundamental. As propostas envolveram processos criativos que integraram referências culturais, técnicas diversas e práticas autorais, favorecendo a aproximação entre teoria e prática. Os resultados indicam que o fortalecimento da identidade artística docente contribui para experiências mais significativas e motivadoras em sala de aula, ampliando o repertório visual e crítico de alunos e professores. A pesquisa reafirma a importância de preservar o vínculo do professor com a própria criação, defendendo a escola como espaço de resistência e reinvenção estética.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Caderno de Artista. Prática Artística Docente. Sala-Ateliê. Metodologia Criativa.

ABSTRACT

ALMEIDA, Amanda Pinto Rodrigues. *Between Teaching and Creating: Reclaiming the Artistic Identity in Teaching*. 2025. Postgraduate Thesis (Specialization) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2025.

This study explores the disengagement from artistic practice often experienced by newly graduated Visual Arts teachers upon entering the school system, and proposes ways to reimagine the classroom as a creative space. Grounded in personal experiences and informed by theoretical perspectives from education and art—particularly those of Bell Hooks and Paulo Freire—it examines the interplay between pedagogical practice and the artistic development of the teacher. The artist's notebook—conceived here as both a language and a methodology—was employed simultaneously as a medium for documentation, experimentation, and reflection, and as a pedagogical tool in activities with 6th and 7th grade students. The projects involved creative processes that blended cultural references, diverse techniques, and original artistic practices, fostering a stronger connection between theory and practice. Findings suggest that nurturing the teacher's artistic identity leads to more meaningful and engaging classroom experiences, enriching the visual and critical repertoire of both students and educators. Ultimately, the research underscores the importance of sustaining the teacher's connection to their own creative work, positioning the school as a site of resistance and aesthetic reinvention.

Keywords: Visual Arts Education. Artist's Notebook. Artistic Practice in Teaching. Studio-Classroom. Creative Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 Entre o afastamento e o esvaziamento: o fazer artístico em conflito com a prática docente.....	p.11
2 Práticas de resistência artística no cotidiano docente.....	p.14
3 Considerações finais.....	p.21

INTRODUÇÃO

Sou Amanda, professora de Artes Visuais e artista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao longo da minha trajetória formativa, desenvolvi minha linguagem artística na pintura em aquarela e, posteriormente, na gravura, com ênfase na xilogravura e na gravura em metal. Sempre me identifiquei como artista-docente — termo que utilizo para marcar a dupla identidade de quem é, ao mesmo tempo, professora e artista, buscando manter vivas essas duas dimensões de forma integrada, ainda que em constante tensão. No entanto, ao ingressar como docente no ambiente escolar, percebi o quanto essa integração se tornava cada vez mais difícil de ser sustentada.

Assim, este memorial nasce de um incômodo profundo que foi se intensificando nos meus primeiros anos de docência: a constatação de que a sala de aula, para muitos professores de Artes recém-formados, se configura mais como um espaço de afastamento do fazer artístico do que de aproximação com ele. A prática docente delimitada por: estruturas rígidas, falta de tempo, escassez de materiais e a imposição de apostilas e planejamentos inflexíveis, tem afastado a dimensão criativa e estética que deveria ser constitutiva do ensino de Artes Visuais. Esse afastamento não se limita ao artista-docente, mas também atinge os estudantes, que acabam tendo poucas oportunidades de experimentar a arte de forma expressiva, sensível e significativa. Em vez de vivenciarem processos criativos, são muitas vezes submetidos a propostas padronizadas, distantes de suas realidades e interesses. Percebo, num primeiro contato com as turmas, que os estudantes demonstram expectativas em relação às aulas de Artes, esperando que elas sejam um espaço de liberdade e de criação. Esse sentimento, no entanto, logo se transforma em frustração quando percebem que se trata apenas de mais uma disciplina voltada à reprodução de conteúdos para memorização — uma práxis característica da ‘educação bancária’, como aponta Paulo Freire (2021), comum em instituições de ensino moldadas por práticas pedagógicas tradicionais. Essa lógica reduz o processo educativo à simples transferência de informações, esvaziando seu potencial formativo.

Este trabalho busca, portanto, refletir criticamente sobre esse processo de afastamento e, ao mesmo tempo, lançar luz sobre as possibilidades de ressignificação da sala de aula. Inspirada pelas vivências ao longo da minha especialização *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais* no Colégio Pedro II, passei a buscar caminhos

para reaproximar o fazer artístico da minha prática docente. Ao longo deste memorial, compartilho experiências que vêm sendo construídas no meu terceiro ano de atuação como artista-docente, na tentativa de tornar a sala de aula um espaço mais criativo, sensível e significativo. Entendo a sala-ateliê, conforme discutido por Ana Mae Barbosa (2002), não apenas como um local físico com mesas, cavaletes e materiais, mas como um espaço vivo, tecido pelas práticas e modos de fazer que convidam à experimentação, à investigação e à criação. Transformar a sala em ateliê é, portanto, um gesto que se constrói no cotidiano: é promover processos e relações que rompem com a lógica restrita à transmissão de conteúdos. Quando as práticas se limitam ao reforço teórico, anulam-se as potências da sala-ateliê. Quando abrem espaço para o fazer, expandem-se as possibilidades de encontro e criação.

Essa proposta entra em tensão com as marcas ainda muito presentes de uma educação tradicional. Nesse modelo, o currículo é estruturado de forma conteudista, com foco na memorização, na repetição e na preparação para avaliações padronizadas. As disciplinas são fragmentadas, o tempo destinado às Artes é reduzido e a organização das aulas tende a seguir um planejamento rígido, que pouco dialoga com os interesses, repertórios e processos dos estudantes. A aula de Artes, nesse contexto, é muitas vezes tratada como um espaço acessório, e não como parte fundamental da formação crítica e sensível dos alunos. Embora minha prática ainda esteja atravessada por essas limitações institucionais, busco cultivar em sala de aula alguns dos princípios da sala-ateliê, reinventando o espaço possível dentro das condições concretas da escola.

Ao assumir esse conflito como motor da escrita, espero contribuir com outros educadores que também se encontram entre o desejo de criar, ou seja, de manter viva sua expressão artística, sensível e autoral, e as exigências do ensino formal, com seus limites e normatizações. Este memorial é, portanto, um espaço de elaboração e também de esperança: de que a arte siga sendo possível e, mais do que isso, necessária, transformadora e formadora de sujeitos críticos dentro da escola. Assim, mesmo diante das limitações impostas pela lógica tradicional, é possível cultivar espaços de reinvenção, onde a arte atua como mediadora de experiências significativas, ampliando repertórios, despertando sensibilidades e fortalecendo vínculos humanos.

É nesse contexto que surge o caderno de artista como linguagem e metodologia significativa neste trabalho. Meu caderno de artista (que em geral assume um formato livre, embora, no meu caso, tenha se estruturado como um livro) funciona como suporte de registros, ideias, experimentações e reflexões sobre a práxis artística e pedagógica. Além disso, foi também desenvolvido como linguagem metodológica em sala de aula com turmas do 6º e 7º anos, assumindo a função de experimentação e processo artístico compartilhado. Nessas experiências, o caderno não apenas documenta, mas também impulsiona a criação, funcionando como ponto de partida para investigações artísticas e para a construção de uma sala-ateliê, onde o fazer e a experimentação se tornam centrais no cotidiano pedagógico. Para essa vivência, os estudantes produziram seus próprios cadernos de artista, apropriando-se do espaço como lugar de criação e autoria, e não apenas de execução de tarefas escolares. Essa proposta marca um impacto direto da especialização *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais* no meu fazer docente.

1 Entre o afastamento e o esvaziamento: o fazer artístico em conflito com a prática docente

Grande parte da minha identidade vem da expressão através da arte. Desde criança, uma simples folha de papel e um lápis grafite bastavam para que eu transformasse pensamentos em imagens. Materiais como lápis de cor, tintas e papéis eram verdadeiros tesouros. Ainda antes dos 10 anos, frequentei um curso de pintura a óleo que se tornou o momento mais aguardado da semana. A prática artística me acompanhou ao longo da vida, mesmo fora do ambiente escolar, em cursos livres e experimentações pessoais.

Hoje, como professora de Artes Visuais, enxergo em meus alunos a mesma faísca criativa que um dia me impulsionou. A aula de Artes pode (e precisa) ser um espaço de autorreconhecimento, construção de identidade, expressão e escuta. No entanto, ao longo do meu percurso docente, percebi um afastamento gradual do fazer artístico, tanto dos alunos quanto da minha própria prática enquanto artista. Esse afastamento vai além da ausência de produção: trata-se do distanciamento de um processo sensível, investigativo e autoral que caracteriza o verdadeiro encontro com a arte.

Na escola, especialmente na rede privada do Rio de Janeiro (que é a realidade que conheço mais de perto através das minhas experiências profissionais), a estrutura

disponível nem sempre favorece as especificidades do ensino de Artes Visuais. Falta uma sala própria, um lavatório adequado, espaço para armazenar trabalhos ou simplesmente tempo suficiente para experimentar. Ao invés disso, encontramos materiais didáticos padronizados (como apostilas), cronogramas engessados, poucos recursos e expectativa velada de que a aula seja apenas teórica.

Paradoxalmente, essas mesmas escolas exigem aulas mais “criativas” e “dinâmicas”, esperando resultados estéticos que não condizem com as condições oferecidas. Em algumas instituições, o (a) professor(a) de Artes é solicitado(a) para organizar eventos institucionais, fazer cartazes para campanhas escolares ou auxiliar em ações de marketing (e tudo isso costuma ser mais valorizado do que a prática artística em sala). Nesse contexto, a disciplina deixa de ser vista como um campo autônomo de conhecimento e se transforma em um suporte instrumental. A contradição entre teoria e prática se instala, restringindo a atuação docente ao mesmo tempo em que exige resultados espetaculares.

A aula de Artes tem o poder de despertar conexões afetivas e subjetivas nos estudantes. Mesmo que visualmente pareça “bagunçada”, é um espaço vivo e fluido, onde alunos agitados se acalmam com a concentração exigida pela prática e alunos menos comunicativos verbalmente se revelam em suas produções gráficas. É também o momento em que muitos, apesar de terem suas bagagens de vivências pessoais e culturais, têm seu primeiro contato com museus, artistas e técnicas. Como artista-docente, procuro acolher essas potências, incentivando caminhos que vão além da escola, sempre respeitando o desejo e o tempo de cada estudante.

Porém, minha primeira frustração foi perceber que o excesso de demandas, combinado ao cansaço cotidiano, começou a minar minha própria disponibilidade para produzir arte. O que antes era uma prática natural passou a ser ocasional (e, em alguns momentos, inexistente). A promessa de “um tempo para mim” nos finais de semana se esvaziava diante das tarefas domésticas, das demandas acumuladas e da exigência de me manter atualizada profissionalmente. A artista em mim estava sendo silenciada, e isso doía.

A sensação era de que o espaço escolar, que deveria me aproximar do meu fazer artístico, estava, na verdade, me afastando dele. A frustração de não conseguir trazer para a escola a artista que fui durante minha formação é algo que se repete entre colegas da área. Reconheço que o fazer artístico pessoal é diferente daquele inserido

no contexto pedagógico, mas o fato é que nenhum dos dois tem encontrado espaço suficiente de desenvolvimento.

Minha preocupação maior é o apagamento de um dos lados do meu título artista-docente (como assim me apresento). A sala de aula, que imaginei como espaço de encontro entre essas duas dimensões, muitas vezes me obriga a priorizar a sobrevivência cotidiana. Ainda assim, acredito que o papel do professor de Artes é o de apresentar caminhos que conectem teoria e prática, conteúdo e sensibilidade, técnica e experimentação.

Como afirma Ana Mae Barbosa, “o ensino da arte deve possibilitar que o aluno pense com sensibilidade, que sinta com inteligência e que crie com consciência” (2010, p. 31). No entanto, em algumas instituições, a criação é desvalorizada e substituída por apostilas, metas de produtividade e lógica conteudista. O risco, como alerta Jorge Larrosa, é que a escola se transforme em um “dispositivo que nos impede de viver experiências” (2002, p. 20) — inclusive aquelas que despertam em nós o desejo de permanecer na profissão.

O documentário *Vocacional – Uma Aventura Humana* (2011) retrata uma proposta educacional idealizada por Maria Nilde Mascellani nos anos 1960, com foco na liberdade, expressão artística e integração com a comunidade. Essa proposta contrasta fortemente com a estrutura escolar que conheci como aluna e como professora: marcada por rigidez, padronização e foco em produtividade. Essa comparação despertou em mim um questionamento profundo sobre como o modelo tradicional de escola sufoca a potência criativa (tanto dos alunos quanto dos professores).

Experiências mais positivas com o ensino de Artes Visuais foram por mim observadas em instituições públicas específicas, como no Colégio de Aplicação da UFRJ ou Institutos Federais, como o Colégio Pedro II, onde há um compromisso real com o desenvolvimento integral do estudante. Já em escolas privadas de pequeno e médio porte, prevalece um modelo conservador, próximo à “educação bancária” descrita por Paulo Freire (2021), no qual o conhecimento é transmitido de forma vertical e pouco dialógica.

Nessas escolas, a disciplina de Artes sofre sucessivos esvaziamentos: redução da carga horária, falta de espaço físico, imposição de apostilas que ignoram a especificidade da linguagem visual. Essa estrutura inibe a liberdade criativa e

desmotiva professores recém-formados, que se deparam com um cotidiano que pouco se assemelha às propostas que estudaram na graduação.

Ao ingressar no mercado de trabalho, percebi a tensão entre as diversas instituições sociais que compõem a escola — coordenação, família, docentes e alunos —, cujas expectativas nem sempre convergem. Quando os resultados não correspondem, a culpa frequentemente recai sobre o professor. Cabe a ele mediar conflitos, adaptar conteúdos, lidar com plataformas pouco intuitivas e enfrentar tudo isso sem tempo, apoio ou reconhecimento.

O ensino de Artes Visuais, nesse cenário, é pressionado a gerar resultados imediatos e produtos estéticos finalizados, ignorando a importância do processo. Como mostra Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (2009), a escola opera como um dispositivo de vigilância e disciplinamento, onde o tempo é cronometrado, os comportamentos são normatizados e o conhecimento deve seguir uma lógica linear e mensurável. Como ensinar Artes (que exige liberdade, “erro”, tempo e improviso) em um ambiente que valoriza apenas o que pode ser controlado?

Bell Hooks, em *Ensinando a Transgredir* (2013), nos inspira a pensar a educação como prática da liberdade. Transgredir, nesse contexto, é reinventar a lógica escolar a partir de dentro, abrindo brechas para que a criação resista. A leitura dessa obra, ainda durante meu estágio, foi essencial para que eu mantivesse a esperança e a vontade de transformar minha prática. Ao longo da especialização *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, essa inspiração se fortaleceu. Ser educadora é persistir e reinventar caminhos, mesmo dentro de um sistema que insiste em nos enquadrar.

É nesse confronto entre frustração e desejo de transformação que nasce minha busca por metodologias que reconectem a arte ao cotidiano escolar. A pergunta que persiste é: como fazer da sala de aula um espaço fértil para a criação compartilhada?

2 Práticas de resistência artística no cotidiano docente: Caderno de Artista

Entre tantas estratégias possíveis para resistir ao esvaziamento do fazer artístico na prática docente, a construção do meu caderno de artista surgiu como gesto simbólico e prático de retomada do encontro com a arte. Criado no início de 2025, em formato de livro/caderno feito à mão com encadernação que permite inserir e retirar folhas do miolo, ele foi pensado para ser um espaço de registro e elaboração dos processos

vividos em sala de aula. Mais do que um diário ou um repositório de anotações, este caderno é um lugar de encontros: entre o planejamento e a experimentação, entre o conteúdo curricular e o sensível, entre a professora e a artista que sou.

Minha intenção ao construir esse caderno foi múltipla. Em primeiro lugar, ele serve como suporte físico para registrar as propostas desenvolvidas com os meus alunos: desde a descrição das atividades, passando pelas estratégias pedagógicas adotadas, até a realização de uma versão pessoal de cada trabalho. Realizar as propostas antes de aplicá-las tornou-se parte da minha prática docente. Esse exercício me permite reconhecer obstáculos técnicos, adaptar procedimentos e buscar maneiras mais acessíveis de apresentar o conteúdo aos estudantes. Além disso, mostrar a eles uma referência concreta (seja uma etapa do processo ou o resultado final) contribui para tornar o projeto mais tangível. Muitas vezes, a dificuldade dos alunos está menos na execução e mais na visualização da proposta. Quando percebem o que está sendo sugerido, sentem-se mais confiantes para iniciar suas próprias criações.

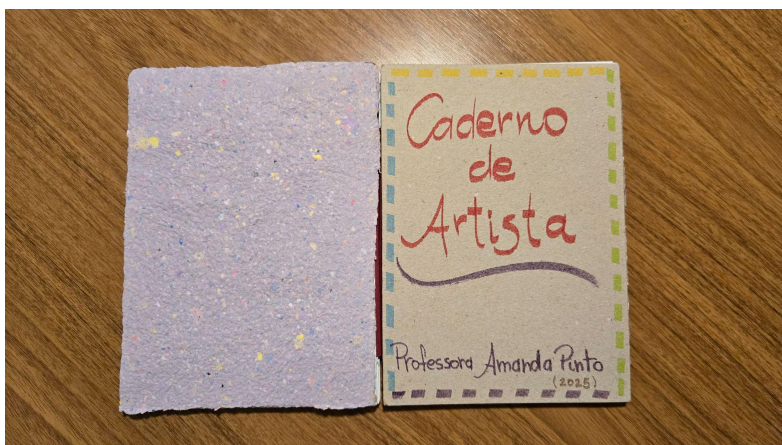


Imagem 1 - Meu caderno de artista mostrando capa e contracapa. A estrutura da capa é feita com papel panamá (verso de um bloco de desenho e a contracapa idem e revestida com papel reciclado feito por meus alunos).

É claro que esse tipo de mediação também carrega riscos: há alunos que, ao verem a minha versão, acabam reproduzindo aquilo que mostrei. Nessas situações, costumo priorizar o envolvimento com o processo, reconhecendo o valor da experimentação e da apropriação pessoal, mesmo que o ponto de partida tenha sido o meu trabalho. O objetivo nunca foi formar copiadores, mas abrir caminhos, e o caderno de artista tem se revelado uma ferramenta potente para isso.

Nesse sentido, o próprio ato de criar e aplicar o caderno em sala também passou a funcionar como resposta concreta à inquietação que venho desenvolvendo ao longo deste memorial. Ao me engajar nas práticas artísticas que o constituem (tanto enquanto objeto quanto enquanto metodologia), encontrei um primeiro ponto de equilíbrio entre o fazer docente e o fazer artístico. O caderno se tornou, assim, um território comum entre esses dois papéis que, por muito tempo, pareciam caminhar em direções opostas.

Depois de algumas tentativas frustradas de implementar um caderno de artista (ou diário de bordo) em um colégio onde trabalhei de fevereiro de 2023 até julho de 2025, foi somente no início deste ano que consegui realizar esse desejo de forma efetiva. A primeira etapa, e talvez a mais significativa para mim, foi conseguir aplicá-lo como atividade avaliativa com minhas turmas de 6º e 7º anos, na escola onde atuei até julho de 2025.

Inspirada pela experiência vivida na especialização *Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais*, escolhi um modelo de caderno simples, acessível e viável para que meus alunos pudessem montar em sala de aula, com minha orientação. Antes de levar para sala de aula, confeccionei um exemplar do caderno em casa. Apesar de seguirmos um mesmo formato básico, os alunos tiveram liberdade para personalizar a encadernação e a capa. Aqueles que não conseguiram finalizar dentro do tempo de aulas estipuladas, concluíram em casa, imprimindo ainda mais personalidade ao resultado final. O objetivo era que todos tivessem um suporte único para as atividades práticas do ano, indo além de simplesmente comprar um bloco de papel ou caderno de desenho (tentativa que já havia feito antes, mas que não obteve adesão).

O caderno de artista de cada aluno passou a simbolizar a participação ativa no processo de criação de um objeto que seria suporte para todas as atividades futuras, além de servir como espaço para anotações pessoais. Para mim, confeccionar o meu próprio caderno, feito à mão, foi também um gesto simbólico: um meio de ativar meu lado artista dentro da sala de aula. Inicialmente, produzi um caderno para e junto de cada turma, mas acabei utilizando um único exemplar para registrar e realizar as atividades de todas as turmas, inclusive de outra escola.



Imagem 2 - Alguns cadernos de artista dos alunos do 7º ano, 2025.

A recepção dos alunos foi extremamente positiva. Mesmo aqueles que tiveram dificuldades ou precisaram recomeçar, se envolveram e demonstraram entusiasmo. Ao todo, realizamos cinco atividades no caderno antes do meu desligamento da instituição. Entre elas, destaco a “pintura com pigmentos naturais”, realizada com o 6º ano, durante o estudo sobre arte rupestre, e a “criação de cordéis”, desenvolvida com o 7º ano, durante o estudo sobre Movimento Armorial. No entanto, essa última não foi finalizada a tempo para o registro. Por isso, trago uma das diversas atividades, intitulada “Quem Sou Eu?”, que realizei com turmas de 1º ano do Ensino Fundamental de outra escola e inseri em meu caderno.

Na atividade de pigmentos naturais, solicitei que trouxessem pincéis, roupas que pudessem sujar e temperos como páprica, açafrão e café, para misturarmos com cola (aglutinante) e um pouco de água. Retirando uma folha do caderno, os alunos criaram tintas e as aplicaram em pinceladas, desenhos ou inscrições inspiradas na arte rupestre. Quando um aluno pintou a própria mão e deixou sua marca na folha, logo todos quiseram experimentar. As camisetas que poderiam ser manchadas se tornaram também suporte de expressão. Ao final, as páginas secas foram recolocadas no caderno. Ficou dessa aula a memória de um momento coletivo de troca e experimentação, com uma técnica simples e replicável fora da escola.



Imagem 3 - Alguns cadernos de artista dos alunos de 6º ano e o resultado final da atividade “pintura com pigmentos naturais” de um dos alunos já dentro do caderno.

Já, a proposta “Quem sou eu?”, desenvolvida com turmas de 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola de alto poder aquisitivo, tinha como objetivo traduzir visualmente elementos da personalidade de cada criança. Inspirados nos *doodles* (pequenos rabiscos criados livremente, de forma intuitiva e sem planejamento, usados como prática criativa e registro visual de ideias), os alunos pensaram em suas comidas, brincadeiras, cores e animais favoritos, e desenharam no formato de página A5. Para tornar a atividade mais concreta, realizei meu próprio trabalho em tempo real, preenchendo aos poucos a folha e conversando sobre minhas escolhas. Cada aluno utilizou apenas duas cores, compondo imagens que revelavam aspectos de sua individualidade. Finalizamos com a silhueta de cada criança recortada no papel e posicionada como moldura do trabalho. Essa produção fará parte da mostra de Artes Visuais anual da escola.



Imagem 4 - Atividade "Quem sou eu", dos alunos do 1º ano dos Anos Iniciais.



Imagem 5 - Minha versão da atividade “*Quem sou eu*”, no meu Caderno de Artista.

Essas experiências mostram como o caderno de artista, além de fortalecer meu lado criador, estreitou vínculos com os alunos e deu à sala de aula um caráter mais próximo de um ateliê. Ele se tornou uma primeira solução com retorno positivo para minha preocupação com o afastamento do meu fazer artístico. Ao realizar as atividades junto com os estudantes e registrar esses processos, encontrei um equilíbrio entre o ser docente e o ser artista, unindo planejamento pedagógico e prática criativa.

Do ponto de vista metodológico, o caderno de artista funciona como um espaço híbrido — ao mesmo tempo suporte de registro e campo de experimentação. Ele mobiliza o que Ana Mae Barbosa (2002) chama de *tridimensionalidade do ensino de arte* — contextualizar, fazer e apreciar — ao integrar teoria, prática e reflexão no mesmo objeto. As páginas tornam-se pequenas “poéticas das imagens”, reunindo vestígios materiais de processos e ideias que surgem em diálogo com os alunos.

Nesse sentido, a proposta também reafirma o lugar do docente-artista/artista-docente (Barbosa, 2009), em que a prática pedagógica e a prática artística não são instâncias separadas, mas se alimentam mutuamente. O caderno, ao ser criado e alimentado por ambos, é também uma ferramenta de formação para “alunos criadores/as de arte” (Lavelberg, 2013), pois estimula a autoria, o repertório visual e a autonomia no fazer.

Transformar a sala de aula em um espaço-ateliê, mesmo que dentro das limitações institucionais, é um ato de resistência. Como afirma Hernández (2000), trabalhar a partir das narrativas visuais dos alunos amplia as possibilidades de significação e aproxima a educação artística de experiências mais autênticas. Assim, o caderno de artista não é apenas um recurso pedagógico, mas um território de encontro entre criação, memória e afeto — para mim e para meus alunos.

Outra experiência recente que reforça minha compreensão da sala de aula como espaço de ateliê ocorreu com minhas turmas de 3º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Propus uma aula de *oficinas livres*, organizando a sala em três estações: oficina de papéis, oficina de argila e oficina de pintura. Em cada estação, os alunos encontravam materiais e ferramentas à disposição, com total liberdade para criar a partir do que estivesse disponível. Eles podiam transitar entre as oficinas durante o tempo da aula, desde que concluíssem uma produção antes de iniciar outra.

Por serem turmas numerosas e pela quantidade de materiais envolvidos, confesso que tive receio quanto à organização e ao andamento da proposta. No entanto, para minha

imensa surpresa, nunca havia visto meus alunos tão tranquilos, concentrados e engajados. Até mesmo as turmas que, em geral, se mostram mais desafiadoras participaram com entusiasmo, explorando os materiais e interagindo de forma colaborativa. A cada troca de turma — foram seis no total —, os alunos que saíam ajudavam a arrumar a sala para receber o próximo grupo, e até esse momento de transição aconteceu de maneira coordenada e respeitosa.

Apesar de se tratar de uma atividade livre, muitas produções alcançaram um nível de qualidade especial e serão expostas na Mostra de Artes Visuais que a escola realizará no final do ano, ao lado de trabalhos planejados especificamente para o evento. Essa vivência reforçou minha convicção de que, quando as aulas de Artes oferecem condições ideais de espaço, materiais e liberdade criativa, os processos se desenvolvem com riqueza e os resultados se tornam expressivos. Para quem observa de fora, o ambiente pode até parecer “uma bagunça”, mas essa dinâmica faz parte da essência da aula de Artes. Diferente de outras disciplinas, aqui sujar as mãos não é problema: é parte do processo, é quando a experimentação está liberada e as potências criativas dos alunos podem emergir plenamente.

Como aponta Ana Mae Barbosa (2010), a sala-ateliê não é apenas um espaço físico equipado, mas um ambiente vivo, construído pelas práticas que estimulam a investigação, a experimentação e a criação. A proposta das oficinas livres materializou essa concepção: o espaço, os materiais e a liberdade oferecida formaram um contexto em que o fazer artístico se tornou central, reafirmando o papel da aula de Artes como lugar de criação, autonomia e construção de sentidos.

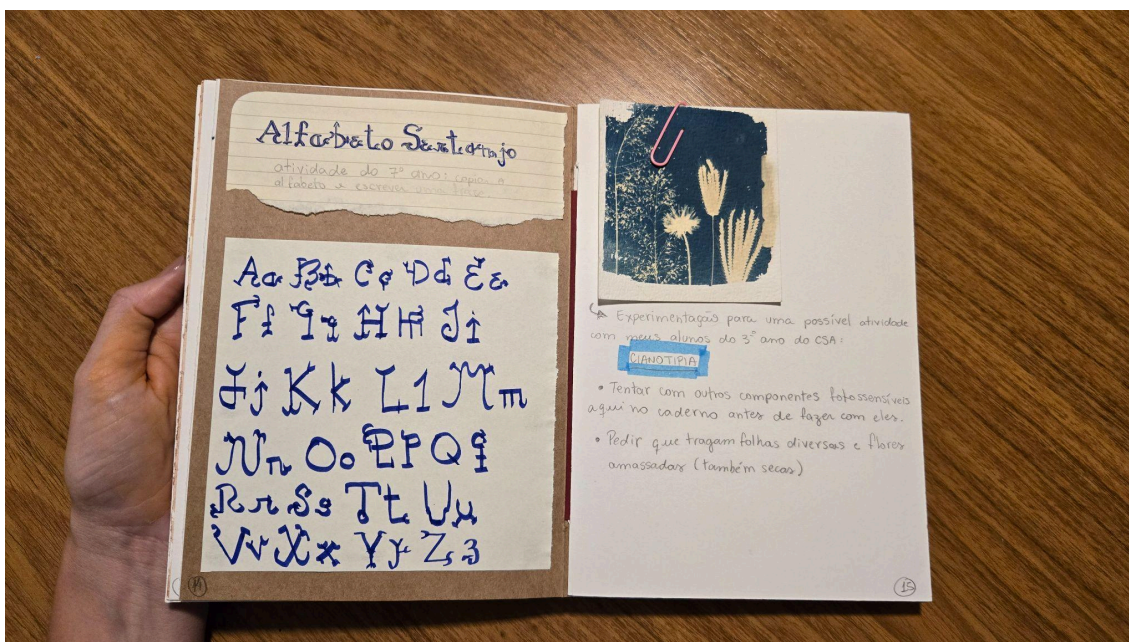


Imagem 6 - Páginas 14 e 15 do meu caderno de artista. Consta uma das atividades do 7º ano (página 14) e uma ideia a ser desenvolvida com minhas turmas de 3º ano (página 15).

3 Considerações Finais

Ao longo deste memorial, busquei compreender e enfrentar o dilema do afastamento do fazer artístico na prática docente, refletindo sobre estratégias para ressignificar a sala de aula como espaço de criação. O desenvolvimento e a aplicação do caderno de artista mostraram-se potentes para reaproximar o ato criativo do cotidiano escolar e fortalecer a identidade do artista-docente.

Experiências como a recente proposta de oficinas livres com turmas do 3º ano do Ensino Fundamental I confirmam que, quando a aula de Artes integra liberdade criativa, diversidade de materiais e organização colaborativa, o resultado é um ambiente de intensa concentração e engajamento, no qual surgem produções expressivas e significativas. Essa vivência exemplifica o conceito de sala-ateliê de Ana Mae Barbosa (2002), que vai além do espaço físico e dos materiais, envolvendo práticas que estimulam investigação, experimentação e criação.

Assim, concluo que o caderno de artista, aliado a propostas abertas, não apenas aproxima o docente de seu próprio fazer artístico, mas também amplia o papel da arte na escola. Mais do que possível, ela é necessária: um campo de liberdade e construção de sentidos, capaz de formar sujeitos criativos, sensíveis e críticos diante

do mundo. Como lembra bell hooks (2013), ensinar é sempre um ato de liberdade — e, quando essa liberdade se manifesta através da arte, ela se torna também um ato de resistência e transformação.

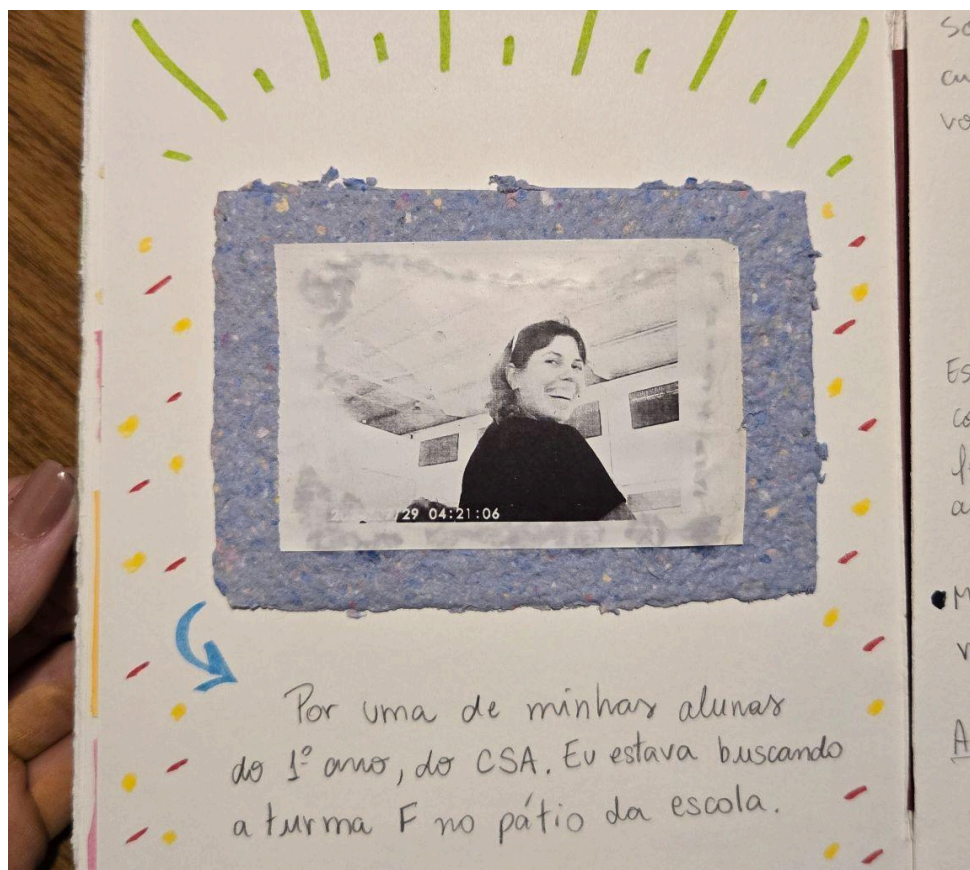


Imagem 7 - Página 2 do meu caderno de artista. Complemento da minha apresentação: uma fotografia tirada por uma de minhas alunas do 1º ano.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte.* 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos.* 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão.* 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho.* Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

IABELBERG, Rosa. *Desenho na Educação Infantil.* São Paulo: Melhoramentos, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

VOCACIONAL – uma aventura humana. Direção: Toni Venturi. Produção: Olhar Imaginário, Mamute Filmes, SescTV. Brasil, 2011. Documentário (78 min). Disponível em: https://canalcurta.tv.br/filme/?name=vocacional_uma_aventura_humana.